



4934 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT13 - Educação Fundamental

Encontro dialógico entre formação inicial e continuada: narrativas pedagógicas como dispositivos de (trans)formação
Adriana Varani - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Inês Ferreira de Souza Bragança - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
Guilherme do Val Toledo Prado - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Encontro dialógico entre formação inicial e continuada: narrativas pedagógicas como dispositivos de (trans)formação

Resumo

O trabalho apresenta a reflexão sobre uma experiência de pesquisa-formação realizada a partir da parceria estabelecida entre universidade e escola, no contexto de orientação do estágio curricular do curso de Pedagogia de uma universidade pública. Pelas narrativas pedagógicas de professoras/es e estagiárias/os, problematizamos nossa constituição docente nos contextos das práticas pedagógicas, tomando a experiência compartilhada como propulsora de reflexões sobre a complexidade escolar. O encontro e trabalho coletivo entre os diferentes sujeitos promoveu o fortalecimento da formação inicial e parceria na formação continuada.

Palavras-chave - formação de professores; narrativas pedagógicas; estágio curricular.

Introdução

Ao longo do ano de 2018 no contexto da orientação de estágio curricular dos anos iniciais do ensino fundamental, do curso de Pedagogia de uma universidade pública em SP, que se materializa em dois componentes curriculares, realizamos um trabalho em que foi privilegiado o encontro entre universidade e escola, estudantes em formação inicial e professoras em formação continuada, numa perspectiva de pesquisa-formação. Em cada disciplina havia carga horária destinada ao estágio na escola, que se assentou na compreensão de que o estudante de pedagogia é um professor/a-pedagogo/a-pesquisador/a e o trabalho tem como marca o movimento reflexivo sobre a prática escolar, consistindo em um campo de pesquisa e de (trans)formação.

O encontro dos professores da universidade envolvidos e, em especial encontro de suas histórias de relação com formação continuada no e com o chão da escola, produziu a experiência da reflexão e do trabalho coletivo aqui apresentada, submetida ao Comitê de Ética e aprovado sob o número 95572318.1.0000.8142.

Dinâmica do trabalho

Tomando a perspectiva que o trabalho no estágio curricular pode se constituir como espaço vivo de diálogo com as escolas, elencamos o conjunto de escolas com as quais havíamos nos aproximado de diferentes formas em anos anteriores. Mapeamos quatro e, juntas, marcamos uma rodada de visitas, para apresentar a proposta de um trabalho mais articulado entre a escola e a Faculdade de Educação, por meio do compromisso de recepção de grupos de estudantes para realização do estágio e de nossa presença na escola em alguns encontros coletivos para reflexão sobre o trabalho partilhado com os estagiários e a prática pedagógica. O objetivo seria a reflexão da prática pedagógica e uma formação (com)partilhada. Essa proposta foi sistematizada no Curso de Extensão "Narrativas docentes: organização do trabalho pedagógico - múltiplos olhares" que incluiu os encontros realizados nas escolas, a participação das professoras em nossos grupos de pesquisa e um encontro final realizado na universidade.

Localizada em um bairro periférico, a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) E.L tem uma ótima estrutura física. Tradicionalmente ela recebe estagiários das diversas licenciaturas da universidade, bem como professores que já desenvolveram projetos de pesquisa. A proposta dos encontros foi recebida com abertura e disponibilidade pelo Orientador Pedagógico e pelo corpo docente.

A segunda EMEF, denominada de A.C., localiza-se em um Distrito do município. A aproximação da escola se deu por meio de professoras que fizeram pós-graduação na universidade e estabeleceram contato para o desenvolvimento de um processo de formação. Apresentamos, então, a proposta do Curso de Extensão, articulando os encontros de formação às práticas de estágio na escola.

As duas escolas estaduais que participaram da proposta localizam-se próximas da universidade. A Escola Estadual S.P. recebe grande número de estudantes de diferentes licenciaturas que procuram a escola como campo de estágio. Agendamos uma visita e conversamos com a Diretora e Vice-Diretora, apresentando a proposta de articulação do estágio com os encontros com os professores, recebendo aceite da direção.

O contato inicial com a Escola Estadual M.A. foi difícil de ser estabelecido, foram muitas ligações para agendar a primeira visita, que foi frustrada. Numa segunda visita retornamos para conversar com a Diretora sobre a proposta da formação e fomos questionadas: "Mas o que a universidade quer com uma escola tão pequena como a nossa? Qual o conteúdo vão trabalhar?". Percebemos a preocupação de frisar que o estado já tem uma proposta pedagógica e que a escola precisa segui-la. Nesse sentido nosso trabalho não poderia ser contrário ao que é encaminhado pela Secretaria.

Duas redes, quatro escolas, diversas histórias, experiências singulares....

No contexto da aula na universidade os estudantes retomaram, por meio de dinâmicas, suas experiências como alunas/os dos anos iniciais do ensino fundamental. As imagens sobre a docência, a organização do trabalho pedagógico, as relações humanas no *espaçotempo* escolar apontam para concepções e práticas pedagógicas que dialogam com

conhecimentos construídos nas diversas disciplinas do Curso de Pedagogia e a experiência do cotidiano escolar. Saberes e experiências que vão sendo registradas no diário de itinerância (BARBIER, 2002) e em portfólios reflexivos (SÁ-CHAVES, 2005). Elas escreveram sobre as experiências, e, em três momentos do semestre, socializavam uma narrativa pedagógica (PRADO, 2013) do estágio.

As dinâmicas reservadas para o momento de formação com os professores das escolas procuraram favorecer a partilha de experiências sobre as práticas de estágio, experiências formativas e a prática pedagógica. Algumas propostas foram comuns e desenvolvidas nas quatro escolas, outras foram específicas e realizadas a partir de demandas e questões emergentes do cotidiano escolar.

Em todas as escolas, iniciamos com a leitura do texto “Ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte” (FREIRE, 1993), que foi disparadora de uma reflexão circular sobre encontros e desencontros com a docência, sobre a perspectiva de um processo formativo que é permanente, em que dá o entretimento de múltiplas dimensões da vida pessoal, acadêmica e profissional. Em uma das rodas escutamos o desabafo de uma professora em processo de aposentadoria e profundamente desalentada com a docência: “*Estou me desfazendo... terminar assim é triste...*”. Um desalento forte e melancólico da professora, e que aponta para o não investimento das políticas públicas na direção da carreira profissional docente.

Partilha de narrativas pedagógica

Tendo como referência uma epistemologia dialógica, Motta (2019) nos apresenta o conceito de Pipocas Pedagógicas, desenvolvido pelo GEPEC/UNICAMP que se configura como narrativas breves e singulares, mas que dão a ver a sensibilidade das relações e provocam uma escuta sensível das interações de contextos escolares, e “dizem das múltiplas dimensões das experiências vividas nas escolas” (p. 46). É com esta perspectiva que orientamos a escrita por parte das estagiárias.

Os encontros favoreceram a reflexão partilhada entre professoras/es da escola, da universidade e estudantes da graduação sobre as experiências do estágio, sobre encontros entre professoras e estagiárias, aprendizagens e desafios, a partir da contação e leitura de narrativas. Na EMEF E.L. realizamos reuniões para socialização das narrativas escritas pelas estagiárias, como o fragmento do diário de Karina.

Fui para o meu primeiro dia de estágio com uma roupa e sandália confortável, bolsa e o nome da professora em mente para saber, pelo menos, o que perguntar quando chegasse no portão da escola. [...] Entrei na sala de aula e me senti como o animal mais exótico de um zoológico. [...] A maioria dos questionamentos eram sobre mim, sobre minha aparência. “Você é rica, né? Olha a sua cara, olha a sua roupa”, “Sua Melissa é original, verdadeira?”, “Quantas maquiagens você tem?”, “Quanto custou a sua bolsa?”. (...) minha descendência japonesa também causou um grande espanto neles. Muitos me perguntaram com muito estranhamento: “Você é japonesa do Japão?”, “Você fala japonês?”, “Fala alguma coisa em japonês para eu ver?”. [...] Ao chegar na escola, para meu segundo dia de estágio, reparei uma grande diferença entre a “hora da entrada” da escola em que estudei durante a minha vida, Colégio In, e a E.L.: a forma como as crianças vão para a aula. Enquanto no primeiro a rua da escola era tomada por filas gigantes de carros e as crianças iam descendo uma a uma no portão da escola com a ajuda de um monitor, na EMEF as crianças vinham a pé, de bicicleta ou de van. O que me impressionou bastante foi ver a quantidade de crianças que vinham sozinhas ou acompanhadas de outras crianças, totalmente responsáveis por si mesmas. Essa independência que eles demonstram é enorme em comparação com as crianças do Integral que nem do carro até o portão podiam ir desacompanhadas de um adulto. [...] Com uma ideia totalmente utópica do que é a educação e a escola pública brasileira, eu fui para o meu primeiro estágio. Desde o início, me senti deslocada e não pertencente àquela realidade, todos os dias eram novos choques, impactos que me faziam questionar sobre minha escola, sobre o curso de Pedagogia e muitas vezes sobre a minha vida. (Karina Matsuguma, março de 2018)

A leitura desta narrativa no encontro de pesquisa-formação realizado na EMEF E.L., produziu reflexões sobre o estágio como *espaçotempo* de formação para as estudantes em formação inicial e também para as professoras que as recebem. Discutiu-se a importância da acolhida, pois, muitas vezes, como no caso de Karina, os processos são intensos, podendo levar à desistência da profissão. Mas também na fala de uma professora a perspectiva de que esse encontro com a escola, mesmo que difícil, pode contribuir na construção da formação para o trabalho docente.

Tomando a singularidade da experiência (LARROSA, 2002), o momento de chegada é produtor de uma experiência única, em seu atravessamento por muitos outros e pelas mais diversas dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais. Pensamos sobre a importância insubstituível de estar na escola, um encontro que potencialmente produz estranhamentos fecundos. A reflexão do grupo caminhou no sentido de que, ao contrário, quando se está imerso na realidade escolar corremos o perigo de naturalizar as situações cotidianas. Na reflexão das professoras, um estranhamento que se distancia quando se está há muito tempo no espaço escolar e, nesse sentido, precisa ser recuperado em sua potência (trans)formadora.

As reflexões caminharam no sentido da importância das/os estagiárias/os na relação entre universidade e escola e os muitos desafios. Os diferentes modos de chegar e sentimentos de cada um, o “medo” que muitas vezes não é só dos graduandos, mas também das professoras que expõem suas práticas. Nesse sentido consideram importante a ampliação do tempo de permanência no espaço escolar para conhecer e mergulhar na intensidade das contradições da sala de aula e da escola.

Referências

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília: Plano Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1993.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

MOTTA, Thais da Costa. A formação continuada e a dimensão formativa do cotidiano: narrativas de encontros entre professoras e crianças na Educação Infantil em Itaboraí. São Gonçalo, Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, FFP/UERJ, 2019.

PRADO, Guilherme V. T. Narrativas Pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional, In Interfaces da Educ., Paranaíba, v.4, n.10, p.149-165, 2013.

SÁ-CHAVES, Idália. (Org.) Os "portfólios " reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos formativos. Porto: Porto Editora, 2005.